

## FOLHETOS DE FRANKLIN MAXADO: CRIAÇÃO NEOLÓGICA E LITERATURA DE CORDEL

Érica Azevedo Santos (UEFS)

[ericazevedo\\_ba@hotmail.com](mailto:ericazevedo_ba@hotmail.com)

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

[rcrqueiroz@uol.com.br](mailto:rcrqueiroz@uol.com.br)

### *Neologismo*

*Beijo pouco, falo menos ainda.*

*Mas invento palavras*

*que traduzem a ternura mais funda*

*E mais cotidiana.*

*inventei, por exemplo, o verbo teadorar.*

*Intransitivo*

*Teodoro, Teodora.*

(BANDEIRA, 2001)

### **1. Considerações iniciais**

O Léxico representa o patrimônio vocabular de quaisquer línguas e, neste sentido, é o conjunto de todas as palavras, sejam estas antigas, novas, longas, breves, agradáveis ou desagradáveis. Sendo um sistema aberto, o léxico está suscetível a mudanças constantes, pois isso atende às demandas sociais, culturais e históricas do homem. Neste sentido, faz-se necessária a criação de novas palavras a fim de que o léxico se renove e com isso satisfaça às demandas comunicativas de uma determinada comunidade ou grupos sociais. Chama-se de neologia o processo de criação lexical, sendo o produto denominado de neologismo.

Ligado às correntes atuais da política, economia, da cultura, da tecnologia e da sociedade em geral, vivendo um papel sobretudo social, o neologismo é inseparável da evolução das tendências que têm necessidade de ser nomeadas do ponto de vista linguístico. (CARVALHO, 2006, p. 192)

Entretanto, a nomeação é o primeiro passo dado pelo homem em sua tentativa de reconhecimento do mundo circundante. Segundo Biderman (1998), é a nomeação que possibilita a apropriação de uma determinada realidade. “É a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem.” (BIDERMAN, 1998, p. 88).

A vida contemporânea forçosamente faz com que a humanidade imprima novas palavras para darem conta das diversas revoluções pelas quais vem passando, sejam aquelas tecnológicas, científicas, religiosas, econômicas, dentre outras. Contudo, como toda palavra sempre surge como nova, é preciso que seja maturada, a princípio no âmbito da fala e, em seguida, quando se dá o seu reconhecimento, no âmbito da língua. De acordo com Mario Vilela (1994, p. 12-14)

[...] o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas.

Sendo assim, estudar a criação de novas palavras na língua portuguesa revela que aquelas se fazem mais conhecidas e difundidas através dos meios de comunicação e de obras literárias, veja-se o exemplo de “piriguete”, surgida na sociedade baiana e que hoje ocupa o cenário nacional brasileiro, divulgada pelas telenovelas e demais programas televisivos e que caiu no gosto popular. O exemplo citado já está dicionarizado, pois, segundo Alves (2007, p. 84):

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação no idioma.

Ao utilizar a língua escrita como instrumento de trabalho o artista da palavra possui uma infinidade de possibilidades de expressar sua criatividade, revelando aspectos da cultura e do tempo social ao qual está inserido. Assim, a criação neológica é um dos caminhos pelos quais o falante percorre para exercitar sua inventividade lexical, tanto quanto para expressar “as novidades” observadas na sociedade. Carvalho (2006) informa-nos que os neologismos criados no meio artístico, científico e tecnológico possuem o objetivo de oferecer novos conceitos a respeito do universo e, desta forma, acompanhar a evolução humana. Para Barbosa (1981, p. 77-78):

[...] a criação lexical deve ser situada, por um lado, numa determinada época, em virtude de sua pertinência à história do léxico, ligada à história da sociedade, e por outro, vista em função da *individualização* das criações feitas por locutores identificados na comunidade linguística.

Na literatura de cordel, assim como em outros sistemas culturais nos quais a língua exerce influência, os neologismos permitem que o autor exercite sua criatividade linguística e, com isso, refletem o momento sócio-histórico. Diante do exposto, objetivamos com este artigo trazer à

tona as criações lexicais do cordelista baiano Franklin Maxado, autor que se encontra em plena atividade intelectual e em cujos cordéis se encontram muitas criações neológicas. Faz-se *mister*, no entanto, que aquele seja apresentado, bem como sua obra.

## 2. *Franklin Maxado e sua produção cordelista*

O cordelista Franklin Maxado, ou Maxado Nordestino, nasceu em 15 de março de 1943, em Feira de Santana (Bahia). É graduado em direito (Universidade Católica do Salvador – UCSal) e jornalismo (Universidade Federal da Bahia – UFBA), profissões às quais abdicou, bem como de três empregos fixos, para, na década de 1970, dedicar-se exclusivamente ao cordel. Franklin Maxado é poeta, dramaturgo, xilógrafo, ator, estúdio de cordel, dentre outras artes, sendo considerado um divisor de águas na literatura de cordel, pois seus folhetos e xilogravuras foram vendidos em todo o Brasil. Teorizando sobre o cordel, Franklin Maxado publicou dois livros que são referências no gênero, embora esgotados: *O que é literatura de cordel* (1980) e *Cordel, xilogravura e ilustrações* (1982). Para ele o cordel é uma espécie de arte total, pois “[...] é poesia; é gráfica; é canto; é artes plásticas; é música, é teatro; é jornalismo; e é comércio. E ainda é até esporte, pois o poeta carrega sua mala para a feira, e em viagens exercitando os músculos” (MAXADO, 1980, p.124).

Em 1971 Franklin Maxado vai para São Paulo, onde trabalhou na redação de alguns jornais, como *Folha de São Paulo*, *Diário Popular*, sucursal de *A Tribuna*, de Santos, e no *Diário do Grande ABC*, neste último foi testemunha do início da carreira do sindicalista Luís Inácio Lula da Silva. Mas, antes disso, trabalhou em Salvador no *Jornal da Bahia*, sendo responsável pela criação da primeira sucursal deste jornal no interior da Bahia. Fundou em Feira de Santana (Bahia) a sucursal das Emisoras e Diários Associados. Colaborou com o jornal *Pasquim* ainda quando estava em Salvador. De volta à Bahia em 1985, Franklin Maxado, a convite de Edvaldo Boaventura, então secretário de governo, foi trabalhar na TV Educativa, recém-inaugurada pelo secretário, onde criou o Comentário em Cordel, apresentado no jornal diário.

Desde 1975 Franklin Maxado se dedica exclusivamente ao cordel, contando mais de quarenta anos de profissão. Sua obra gira em torno da marca de 300 publicações cordelistas, que versam sobre os mais diversos assuntos e aspectos da sociedade, atendendo desde ao universo infanto-juvenil ao campo do erotismo, nos quais se podem listar romances, len-

das, casos, peças teatrais, sendo que destes constam os seguintes títulos: *O Sapo que Desgraça o Corinthians*; *O que Luiz Gonzaga é*, *O Japonês que Ficou Roxo pela Mulata*; *O Crioulo Doido que Era um Poeta Popular*; *O Jumento que Virou Gente*; *Vaquejada de Sete Peões pra Derrubar uma Mineira*; *O Romance do Vaqueiro Marciano da Égua*; *Carta dum Pau-de-arara Apaixonado pra sua Noiva*; *Maria Quitéria, Heroína Baiana que Foi Homem*; *Profecias de Antonio Conselheiro - O Sertão já Virou Mar*; *A Alma de Lampião Faz Misérias no Nordeste*; *A Volta do Pavão Misterioso*; *Papagaio e as Macacas que não Estão na Mata (uma fábula urbana de bichos)*; *o Pulo do Gato-Mestre*; *Os romances Feministas de Gracinha corneteira, a Malazartes de Minissaia*; *Horóscopo das Bichas*; *Querem Tomar a Amazônia*; *Brasília: 50 Anos de Esperança Candanga*; *Metró - Jabuti só anda quando Exu receber o seu despacho devidamente na Bahia*; *Laroiê*, dentre outros.

Além da produção dos cordéis, Maxado participou de antologias de poetas e publicou livros de poemas “eruditos”, como *Protesto à desumanidade* (1970), *Profissão de poeta* (1988) e *Negramafricamente* (publicado em 1995, embora tenha sido escrito na década de 1970). Seus versos são críticos e provocantes, como se pode perceber no trecho a seguir:

#### **LOBIFÊMEA**

sinto-me urrar como dragão  
mas apenas sou um lobishomem  
que só solto fogo pelas ventas  
quando caço e não acho sangue  
de uma fêmea em menstruação.

é sexta-feira, é lua cheia !  
lembro que numa dessas noites  
fui mordido por vampira  
a quem me dei hipnotizado  
pelo seu poder de sedução.

como hoje, uivo pelas sombras,  
escondido à procura do ente  
dessa lobimulher ou lobifêmea  
que me fez insatisfeito, viciado,  
concentrando mais minha tesão.

quem procura, sempre acha  
e, numa daquelas noites lupanares,  
iremos beber um ao outro inteiros  
até virarmos essência substancial  
que porá termo à nossa geração.

podemos não ir para os quintos  
dos infernos e quedarmos vacantes,  
varando noites por bosques de trevas  
disfarçados no ar, na água, na terra  
e no fogo para ter maior fundição.

(MAXADO, 2008)

## 2.1. Os cordéis de Franklin Maxado e os neologismos

No universo criativo de Franklin Maxado transbordam palavras saídas de sua imaginação, as quais representam a sua necessidade de nomear, sendo o reflexo das transformações políticas, econômicas, culturais, dentre outras, pelas quais passam a sociedade da qual faz parte. Os novos termos saídos da imaginação do poeta trazem consigo novos conceitos, os quais acompanham a evolução da humanidade. Deste modo, os neologismos franklianos refletem as mudanças sociais e com isso revitalizam o léxico da língua portuguesa. Assim corrobora Carvalho (2006, p. 196): “Como o neologismo é, sobretudo, criação individual, os falantes criativos, privilegiados e sensíveis, que são os escritores e poetas, são também os maiores inovadores do sistema.”

Ao lidar com as palavras e com as emoções que embalam a vida, Franklin Maxado cria e recria, não apenas no universo lexical, mas também grafemático, usando até seu nome como mote. Vejam-se os versos a seguir:

M – aneirei até demais  
A sua vida de verdade.  
X – amo atenção para a letra  
A, de arte, artesidade.  
D – o criador, esperamos  
O poder da eternidade.

Para a classificação dos neologismos, tomou-se aquela proposta por Alves (2007). Alves (2007) classifica os neologismos em fonológicos, sintáticos, semânticos, por composição, por empréstimos, além de outros processos como truncção e palavra-valise, por exemplo. O primeiro ocorre quando surge um item lexical cujo significante seja inédito na língua. Os neologismos sintáticos surgem da combinação de elementos já existentes no sistema linguístico e podem ser formados por derivação prefixal, sufixal ou por transferência de significado para prefixos. Os neologismos formados pela junção de unidades lexicais que funcionam,

morfológica e sintaticamente como um único elemento, são classificados como neologismos por composição.

O neologismo semântico caracteriza-se por uma mudança no sentido da unidade lexical já existente na língua. O neologismo por empréstimo diz respeito à introdução de termo lexical de outros idiomas na língua. A truncação é formada por um tipo de abreviação na qual uma parte da sequência lexical é eliminada, geralmente a parte final. E a palavra-valise é um tipo de redução em que duas bases (ou apenas uma) perdem parte de seus elementos para formar um novo item.

Para o presente trabalho foram selecionadas quinze criações neológicas produzidas por Franklin Maxado em nove folhetos. Pode-se dizer que seja um número muito reduzido dado ao volume da produção cordelista do autor: em torno de 300 (trezentos) cordéis. No entanto, aqueles que são trazidos aqui são bem representativos. Os processos de formação neológica mais frequentes no universo dos quinze neologismos é o da derivação sufixal, constando os seguintes sufixos: -mente, -ura, -ice, -ença, -idade, -ção, nas seguintes construções: tuarmente, sempremente, apertura, quadraticice, redondice, filatudaperamente, sabença, encantabilidade, frustração e artesidade, isto é, dez palavras. Dos outros cinco neologismos, há um formado por composição – criaprazer; dois por palavra-valise: enconchembrança (enconchar + lembrança, sendo que de enconchar se perdeu **-ar** e de lembrança, **l-**) e urubusservando (urubu + observando, sendo perdida a sílaba inicial **ob-**, havendo a gemação de **-s**; um por empréstimo do francês, com mudança da vogal final – madamo; e vupo, formado por truncação, porque é uma redução de vapt vupt.

Na sequência apresenta-se o quadro com: neologismo, processo de criação, significado, contexto e folheto em que aparece o novo item lexical.

Neologismo	Processo de Criação	Significado	Contexto	Folheto
Tuarmente	Derivação Sufixal-TUAR + MENTE /	Regularmente	Todo ano, <b>tuarmente</b> / Eu morro para o prazer/ Da humanidade perversa / Que de mim quer desfazer/ Mas estou certo sempremente/ De atenção merecer	Testamento de Judas pela Semana Santa
Sempremente	Derivação Sufixal SEMPRE + MENTE	Eternamente	Todo ano, tuarmente/ Eu morro para o prazer/ Da humanidade perversa / Que de mim quer desfazer/ Mas estou certo <b>sempremente</b> /	Testamento de Judas pela Semana Santa

			De atenção merecer	
Urubusser- vando	Palavra- valise	Urubu que observa	Urubu, quando acordou, / Abriu olho desconfiado. / Apanhou o violão / E achou bem pesado. / Ficou <b>urubusservando</b> / E fez nele um balançado / [...] Cumpadre urubu, faça / Sua casa na fartura. / Pois quando vier a chuva, / Você fica na amargura. / Não abuse dessa sorte / Pra não ficar na abertura.	O Urubu e o Cágado com seus Dois Casos
Apertura	Derivação Sufixal	Falta, ne- cessidade	Urubu, quando acordou, / Abriu olho desconfiado. / Apanhou o violão / E achou bem pesado. / Ficou urubusservando / E fez nele um balançado / [...] Cumpadre urubu, faça / Sua casa na fartura. / Pois quando vier a chuva, / Você fica na amargura. / Não abuse dessa sorte / Pra não ficar na <b>apertura</b> .	O Urubu e o Cágado com seus Dois Casos
Quadratic	Derivação Sufixal	Caracterís- tica do que é quadrado	Colombo com o Cabral / Brigam pela <b>quadratic</b> / Da terra, ovo e mares. / Pro Primeiro é redondice. / Intercedo pra acalmar / As asneiras da burrice.	Um Marco feito a Maxado Nordesti- no
Redondice	Derivação Sufixal	Caracterís- tica do que é redondo	Colombo com o Cabral / Brigam pela quadratic / Da terra, ovo e mares. / Pro Primeiro é <b>redondice</b> . / Intercedo pra acalmar / As asneiras da burrice.	Um Marco feito a Maxado Nordesti- no
Filatudape- ramente	Derivação Sufixal	Prender, unir rapi- damente	- Tudo isso em 100 segundos / <b>Filatudaperamente</b> / Como era moda no ano / Em que apareceu crente. / Depois tomava o metrô. / Lá semeava a semente.	O Criolo Doido que era um Poeta Po- pular
Sabença	Derivação Sufixal	Sabedoria	Afonso hoje é viúvo / E vive dando assistência / Aos seus filhos e pessoas / Que procuram suas <b>sabença</b> / Já teve seus seis infartes /	

			Mas continua na crença.	
Encantabilidade	Derivação Sufixal	Característica de encantado	Pela ilusão, sucumbe/ No desejo e na vontade/ Sendo difícil escapar/ Da <b>encantabilidade</b> ./ Tem de ficar cego e surdo/ Pra não ver realidade.	A Lenda da Iara é a mesma de Iemanjá e das Sereias
Enconchembrança	Palavra-valise	Trazer para o aconchego a lembrança	Feita esta <b>enconchembrança</b> ./ Vamos contar nossa prosa/ Passada no Maranhão/ Que é terra dadivosa/ Perto de Bacabal/ Cidade muito formosa.	O Bode Subversivo que deu no Diabo
Criaprazer	Composição por subordinação	Aquele que cria algo (arte) capaz de deleitar quem aprecia o objeto criado	Todo artista que é artista/ É um deus bem criador./ Mas João Barreiro é mais/ Porque ele é paridor/ É mais um <b>criaprazer</b> / Quando está a fazer/ Suas obras de valor	O Homem que cria Deuses no Barro
Frutação	Derivação Sufixal	Frutificar / Criar	É um artista divino/ Que tem os dois pés no chão./ Por isso, os faz tão grandes./ Base de sustentação./ Estão ligados à terra/ Como pedras numa serra/ Pra mente dar <b>frutação</b> .	O Homem que cria Deuses no Barro
Artesidade	Derivação sufixal	Relativo à arte	M – aneirei até demais/ A sua vida de verdade./ X – amo atenção para a letra/ A, de arte, <b>artesidade</b> ./ D – o criador, esperamos/ O poder da eternidade.	O Homem que cria Deuses no Barro
Vupo	Trucação	Rápido / De imediato	Lampião não quis mais léria/ E voltou para o seu grupo./ Chegando lá no seu coito./ Mandou arrumar de <b>vupo</b> / E seguiu com seu bando./ Embora estivesse puto.	Lampião veio à Feira de Santana Disfarçado
Madamo	Empréstimo, do francês <i>madame</i> , com mudança da vogal final -e para -o	Homem que se torna dono de casa sustentado pela mulher	Pois, não quero gritar contra./ O que quero é ser <b>madamo</b> ! Ficar em casa mandando/ E me tornar um bom amo./ E, se a patroa me bater./ Aí então é que gamo!	Eu Quero ser Madamo e Casar com Feminista



### 3. *Considerações finais*

Por meio da seleção das palavras, pode-se perceber tanto a visão de mundo do sujeito enunciatador quanto o tempo histórico ao qual está inserido. O processo de criação neológica nos folhetos de Franklin Maxado está intrinsecamente relacionado ao momento histórico de suas narrativas, bem como às regras de escritura dos folhetos. Constata-se, por exemplo, que as novas palavras obedecem ao sistema de rima da sextilha ao qual pertencem. Assim, o cordelista se utiliza dos mecanismos de formação de palavras da língua e forma novas palavras, pois, “Ao criar um neologismo o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, quer pelos processos de formação vernaculares, quer pelo emprego de estrangeirismos” (ALVES, 2007, p. 83).

Além disso, o escritor criou seus neologismos com o objetivo de criticar a sociedade, mesmo estando inserido nela, haja vista os exemplos: *urubusservando*, *madamo*, *quadraticice*, *redondice*, dentre outros. Trata-se, portanto, da apropriação das inúmeras possibilidades de criação da língua a serviço da criatividade e da criticidade do escritor, pois este teve uma intenção ao fazer suas escolhas lexicais. Com isso, pode-se perceber a visão de mundo de Franklin Maxado, bem como o lugar de onde fala e para quem fala. A criatividade lexical que expressa nos folhetos cordelísticos alarga o sistema linguístico da língua portuguesa, na qual pode ter havido a consciência ou não do autor, no entanto, os novos itens lexicais foram motivados e criados por meio de princípios de abstração e comparação. Segundo Cardoso (2010, p. 214): “Essa forma de criação está ligada à originalidade de expressão do indivíduo criador, à sua facilidade para criar, à sua liberdade de expressão.”

E, desse modo, o léxico vai se ampliando, seguindo os fluxos sociais, históricos e culturais, permitindo aos usuários da língua perceber o seu dinamismo, a sua flutuação, indo ao sabor dos ventos que sopram na direção das mudanças, as quais não são mais do que aquelas provocadas pelos integrantes das sociedades em geral, com vistas a atender às necessidades de comunicação e de interação. Assim, as criações lexicais promovidas pelos escritores trazem em seu bojo essa tendência e, com isso, enriquecem o acervo vocabular de qualquer língua natural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ASA FILHO; MAXADO, Franklin. *Lampião veio à Feira de Santana disfarçado*. Feira de Santana: 1998.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismos*. São Paulo: Global, 1981.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo: USP, n. 2, p. 81-118, 1998.
- CARDOSO, Elis de Almeida. Cruzamentos lexicais no discurso literário. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 39, p. 214-222, maio-ago. 2010.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. A criação neológica. *Revista Trama*, v. 2, n. 4, p. 191-203, 2º semestre 2006.
- MAXADO, Franklin. *A lenda da Iara é a mesma de Iemanjá e das sereias*. Amazonas: 2007.
- \_\_\_\_\_. *O homem que cria deuses no barro*. Vale das Pedrinhas, Majé, Rio de Janeiro: 1984.
- \_\_\_\_\_. *Eu quero ser madama e casar com feminista*. Rio de Janeiro: 1982.
- \_\_\_\_\_. *Testamento de Judas pela semana santa*. São Paulo: 1980.
- \_\_\_\_\_. *O bode subversivo que deu no Diabo*. Mundo Novo, Bahia: 1979.
- \_\_\_\_\_. *O urubu e o cágado com seus dois casos*. São Paulo: 1978.
- \_\_\_\_\_. *Um marco feito a Maxado Nordestino*. São Paulo: 1978.
- \_\_\_\_\_. *O crioulo doido que era um poeta popular*. São Paulo: 1976.
- VILELA, Mario. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.